

CONHECIMENTO E MOTRICIDADE DO CORPO EM MERLEAU-PONTY

BODY KNOWLEDGE AND MOTRICITY IN MERLEAU-PONTY

Genilson Vasconcelos da Silva¹

RESUMO: No presente artigo tem-se como finalidade principal abordar os principais aspectos da noção de *corpo próprio* desenvolvida por Merleau-Ponty, tendo como base o seu texto da Fenomenologia da Percepção, onde será mostrado que a motricidade do corpo assim concebido é constitutiva do processo do conhecimento. Esta posição é um redirecionamento da tradição cartesiana na medida em que o sujeito do conhecimento não é centrado no sujeito pensante – “cogito” – mas sim no corpo – “corpo-sujeito”. Para melhor esclarecimento do tema na primeira parte do artigo, será tratado da visão fenomenológica do corpo em Merleau-Ponty compreendido como *corpo próprio*, isto é um corpo que não é uma realidade pensante biológica, mas sim um centro existencial e uma maneira de estar no mundo. Em seguida será apresentado como a mobilidade do *corpo próprio* leva ao conhecimento. Para melhor entendimento, um exemplo de Merleau-Ponty é apresentado como ilustração da mobilidade do *corpo próprio* na produção do conhecimento. E na segunda parte, será mostrado a partir destas leituras merleauPontyianas algumas vivências em sala de aula com alunos como experiências das teorias acima expostas.

PALAVRAS - CHAVE: Motricidade, corpo, conhecimento, Merleau-Ponty

ABSTRACT: The main purpose of this article is to address the main aspects of the notion of one's own body developed by Merleau-Ponty, based on his text on the Phenomenology of Perception, where it will be shown that the motricity of the body thus conceived is constitutive of the knowledge process. This position is a redirection of the Cartesian tradition in that the subject of knowledge is not centered on the thinking subject – “cogito” – but on the body – “body-subject”. To better clarify the topic in the first part of the article, Merleau-Ponty's phenomenological view of the body will be considered as a body itself, that is, a body that is not a biological thinking reality, but rather an existential center and a way of being in the world. Next, it will be presented how the mobility of one's own body leads to knowledge. For better understanding, an example from Merleau-Ponty is presented as an illustration of the mobility of the body itself in the production of knowledge. And in the second part, based on these MerleauPontyan readings, some experiences in the classroom with students will be shown as experiences of the theories exposed above.

KEYWORDS: Motricity, body, knowledge, Merleau-Ponty

¹Mestrando em filosofia pelo Instituto Federal de Pernambuco - campus Vitória de Santo Antão, professor da rede estadual de Pernambuco (ensino médio). E-mail: gvs16@discente.ifpe.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Com o tema Conhecimento e Motricidade do Corpo em Merleau-Ponty, o presente artigo tem como objetivo principal, abordar a noção de *corpo próprio* desenvolvida por Merleau-Ponty em seu texto da Fenomenologia da Percepção, onde será mostrado que a motricidade do corpo assim concebido é constitutiva do processo do conhecimento.

Esta posição é um redirecionamento da tradição cartesiana na medida em que o sujeito do conhecimento não é centrado no sujeito pensante – *cogito* – mas sim no corpo - *corpo-sujeito*.

Para tanto, na primeira parte do trabalho será tratado da visão fenomenológica do corpo em Merleau-Ponty compreendido como *corpo próprio*, isto é, um corpo que não é uma realidade pensante biológica, mas sim um centro existencial e uma maneira de estar no mundo. Em seguida será abordado como a mobilidade do *corpo próprio* leva ao conhecimento.

Um exemplo de Merleau-Ponty é apresentado como ilustração da mobilidade do *corpo próprio* na produção do conhecimento.

Numa segunda parte serão apresentadas a partir destas leituras merleauPontyanas algumas vivências em sala de aula com alunos como experiências das teorias acima expostas.

2. CORPO-PRÓPRIO, CORPO-SUJEITO E CONHECIMENTO

Ao pensar o conhecimento, geralmente levamos em conta apenas a capacidade e a habilidade racional do educando, desprezando sua condição corpórea, escanteando assim o verdadeiro sujeito do conhecimento, que “é o próprio corpo, este por sua vez não poderá ser fragmentado, pois é um corpo em movimento que se percebe e é percebido, que é autor e coautor de sua própria evolução educacional”(Merleau-Ponty, 2011, p 92)

O conhecimento vai se desvelando a partir da relação entre o objeto e o sujeito, que se percebem e se vêem simultaneamente, este envolvimento é necessário para se dá o conhecimento a partir da relação de espacialidade e da temporalidade, como afirma Merleau-Ponty:

O objeto nada tem de envolto, ele está exposto por inteiro, suas partes coexistem enquanto nosso olhar às percorre alternadamente, seu presente não apaga seu passado, seu futuro não apagará seu presente. Portanto, a posição do objeto nos faz ultrapassar os limites de nossa experiência efetiva, que se aniquila em um ser estranho, de forma que para terminar crê extrair dele tudo aquilo que ela nos ensina (Merleau-Ponty, 2011, p 108).

A fenomenologia do conhecimento a partir da gênese do corpo na FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO revela que nossa consciência é encarnada em um corpo, e, portanto não é um corpo insensível, é residência animada por uma consciência, e por isso é um corpo temporal por que tem consciência da própria vivência, do seu próprio tempo vivido no passado no presente e no futuro e é espacial por que estar inserido em um mundo cheio de ambientes, recintos, lugares, coisas e objetos, “ver-se-á que o *corpo próprio* se furta, na própria ciência, ao tratamento que a ele quer impor” (Merleau-Ponty, 2011, p 102). Caracteriza-se como um corpo que ao conhecer também é conhecido, que percebe e é percebido no mundo. É um corpo de vida própria um corpo autônomo.

Todavia o corpo não pode ser objetivado, pois esse corpo que observa o objeto de seu interesse para compreender, aprender é um corpo que ele mesmo não consegue se auto observar, ou seja, ele não pode ser o próprio objeto de conhecimento como nos chama a atenção Ponty:

[...] quando digo que meu corpo é sempre percebido por mim, essas palavras não devem então ser entendidas em um sentido simplesmente estatístico e deve haver na apresentação do corpo próprio algo que torne impensável sua ausência ou mesmo sua variação (Merleau-Ponty, 2011, p 135).

O corpo não pode ser objeto de conhecimento porque a existência do objeto do conhecimento, está em função desse *corpo próprio* que é perceptível, tato e visual sexual, ou seja é o sujeito do conhecimento.

O conhecimento a partir do corpo visual e do corpo tátil só é possível quando esses estão em diâmetro que se pode ver ou tocar, assim as partes do corpo visual é objeto quando distante, porém ao se acercar-se dos olhos eles se distancia dos objetos, e se desvela do lado de cá longe de qualquer visão, da mesma forma acontece com o corpo tátil, pois a parte que toca também é tocada, dessa forma o corpo não pode ser objeto, “embora veja ou toque o mundo, meu corpo não pode, no entanto ser visto ou tocado. O que impede de ser alguma vez objeto, de estar alguma vez “completamente constituído”, é o fato de ele ser aquilo por que existem objetos” (Merleau-

Ponty, 2011, p 136).

Por estar sempre em movimento, o corpo no ato do conhecimento se auto surpreende, por desenvolver uma reflexão a partir da exploração do objeto. O corpo deixa de ser um objeto no mundo e passa a ser o canal de comunicação com o mundo, parafraseando Merleau-Ponty:

O corpo surpreende-se a si mesmo do exterior prestes a exercer uma função de conhecimento, ele tenta tocar-se tocando, ele esboça “um tipo de reflexão”, e bastaria isso para distingui-lo dos objetos, dos quais posso dizer que “tocam” meu corpo, mas apenas quando ele está inerte, e portanto sem que eles o surpreendam em sua função exploradora (Merleau-Ponty, 2011, p 137).

Os movimentos corporais não dependem de causas externas exclusivamente, porque o corpo executa movimentos voluntários a partir da sua própria vontade. Analisemos o exemplo dado por Iraquitam de Oliveira:

Quando a mãe toca, com seu dedo, na palma da mão do bebê, o recém-nascido agarra o dedo da mãe com força. Nesse momento, podemos constatar a manifestação do reflexo palmar. A flexão dos dedos da mão da criança é automática e provocada por uma causa externa. Todavia, pouco a pouco, a criança vai substituindo esses movimentos reflexos por movimentos voluntários que, para serem realizados, dependem da vontade do bebê (Iraquitam, 2012 p 39).

É evidente no exemplo acima, que o movimento mecânico que o bebê realizava agora é percebido claramente que é um movimento realizado pelo *corpo sujeito*. Portanto, que não se pode atribuir o conhecimento apenas ao psiquismo, como defendia Descartes, pois tudo que poderia ser atribuído ao psiquismo como autor do conhecimento por conter as recordações de experiências vividas, o corpo próprio já possuía a este conhecimento, assim não se pode apenas atribuir ao psiquismo o feito do conhecimento e deixar de lado o corpo, até porque não existe um corpo fragmentado onde as partes se auto executa, existe um *corpo sujeito* que se comunica e que as partes se auto ajudam na tarefa de explorar ao conhecimento, pois o “ser uma consciência, ou, antes, *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (Merleau-Ponty, 2011, p 142).

O *corpo próprio*, para desenvolver o conhecimento utiliza a espacialidade e consequentemente a motricidade como podemos observar no próprio exemplo de Maurice Merleau Ponty, que descrevera a espacialidade do *corpo próprio* como diferente da espacialidade do objeto.

Se fico em pé diante de minha escrivaninha e nela me apoio com as duas mãos, apenas minhas mãos estão acentuadas e todo o meu corpo vagueia atrás delas como uma cauda de cometa. Não é que eu ignore a localização de meus ombros ou de meus rins, mas ela só está envolvida na de minhas mãos, e toda a minha postura se lê por assim dizer no apoio que elas têm na mesa. Se estou de pé e seguro meu cachimbo em minha mão fechada, a posição de minha mão não é discursivamente determinada pelo ângulo que forma com meu antebraço, meu antebraço com meu braço, meu braço com meu tronco, meu tronco enfim com o chão. Sei onde está meu cachimbo por um saber absoluto e através disso sei onde está minha mão e onde está meu corpo, assim como o primitivo no deserto está a cada instante imediatamente orientado, sem precisar recordar e somar as distâncias percorridas e os ângulos de deslocamento desde o ponto de partida (Merleau-Ponty, 2011, p 1146).

Essa possibilidade do conhecimento é possível porque o *corpo próprio* está inserido no mundo, pode até estar em repouso em determinado espaço, porém se auto se comunica na tarefa pré-determinada inicialmente, portanto não é um corpo inato.

A relação ponto e objeto descrito no exemplo acima são possíveis porque “considerando o corpo em movimento, vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retorna-os em sua significação original, que se esvazia na banalidade das situações adquiridas” (Merleau-Ponty, 2011, p 149).

O sistema formado pelo espaço exterior e do corpo, forma-se uma relação onde o corpo ao se movimentar concretiza a tarefa que meditou antes de executar a ação. A relação ponto-horizonte estabelece a partir da visão uma conversão onde o ponto se auto afirma perante o *corpo sujeito* que o vê mesmo estando rodeados de outros pontos, graças à corporeidade que se pode afirmar que existe espacialidade.

A relação ponto-horizonte existente na relação ensino e aprendizagem é estabelecida com a espacialidade do *corpo próprio*, como assegura Maurice Merleau-Ponty, vejamos:

O corpo é apenas um elemento no sistema do sujeito e de seu mundo, e a tarefa obtém dele os movimentos necessários por um tipo de atração à distância, assim as forças fenomenais que operam em meu campo visual obtém de mim, sem cálculo, as reações motoras que estabelecerão o melhor equilíbrio entre elas, ou assim como os usos de nosso círculo, a constelação de nossos ouvintes imediatamente obtém de nós as falas, as atitudes o tom que lhes convêm, não porque procuremos agradar ou disfarçar nossos pensamentos, mas porque literalmente somos aquilo que os outros pensam de nós e aquilo que nosso mundo é (Merleau-Ponty, 2011, p 154).

Portanto o autor do conhecimento é o próprio corpo, por ele ser responsável pela exploração do conhecimento integrando todas as partes de seu sistema anatômico, para desenvolver uma consciência utiliza-se da ocorrência tátil e motor, como centro da atuação virtual, pois “cada acontecimento motor ou tátil faz alçar à consciência uma abundância de intenções que vão, do corpo enquanto centro de ação virtual, seja em direção ao próprio corpo, seja em direção ao objeto” (Merleau-Ponty, 2011, p 157).

Os movimentos voluntários apresentados acima reafirmam os anseios do conhecimento que não dependem da ação externa, mas do desejo próprio do corpo, a relação do *corpo sujeito* com o objeto do conhecimento estar livre de qualquer tentativa de redução às leis da mecânica, ele é um *corpo próprio* que responde e cria resposta aos estímulos externo e interno na busca pelo conhecimento.

A ação do *corpo próprio* resulta de sua própria vontade, pois “não há uma percepção seguida de um movimento, a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica como um todo”(Merleau-Ponty, 2011, p 160), em outras palavras, o conhecimento só é possível quando o corpo compreende o movimento que se deseja apreender até porque “a motricidade não é como serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos” (Merleau-Ponty, 2011, p 193).

Para movimentar o corpo é necessário que o objeto exista para o corpo, isso quer dizer que quando se deseja conhecer um objeto é preciso que este se apresente ao corpo, “portanto, não se deve dizer que nosso corpo está no espaço nem tampouco que ele está *no* tempo. Ele habita o espaço e o tempo”(Merleau-Ponty, 2011, p 193), Isso é possível graças aos movimentos voluntários que dão ao corpo uma espacialidade própria, assim como também possibilita uma temporalidade própria.

“No lugar de concebermos o corpo humano como mero executor de movimentos padronizados e previsíveis, podemos compreendê-lo como expressão de um estilo de vida, marcadamente livre” (Iraquitán, 2012, p 40). Senhor de suas ações o *corpo próprio* utiliza-se da simbiose de sua estrutura para executar no tempo e no espaço sua tarefa de explorador do conhecimento, pois as coisas, os objetos de conhecimento só existem porque existem em função do corpo, por ele ser o sujeito do conhecimento.

A influência mútua entre o corpo e o mundo resulta na constituição do sujeito, para maior

esclarecimento Piaget nesse sentido, nos ajuda com sua contribuição, é a ação em sua plasticidade que define o momento primeiro da constituição do sujeito. O corpo do bebê manifesta uma série de movimentos, quando é submetido a uma relação de tensão com o meio ambiente. O corpo vai estabelecendo modelos de interação com o mundo e refazendo esses

modelos em função das experiências já vividas. As percepções do meu corpo vão conferindo significações relativas às ações. Nesse sentido, numa estrutura de realidade que não comporta sujeitos nem objetos, é óbvio que o único vínculo possível entre o que virá mais tarde a ser um sujeito e objetos é constituído pelas ações (PIAJET, J. Epistemologia genética, p. 9 apud. Iraquitam, M Ponty em João Pessoa, p. 42).

O corpo frágil do bebê com o passar do tempo vai se tornando através das experiências dos movimentos ordenados o corpo sujeito do conhecimento.

Antes de ser “eu penso”, a consciência é originalmente, um “eu posso”. Pelos movimentos, o corpo vai inventando formas de se relacionar com o mundo. Pelo “eu posso”, podemos falar de uma subjetividade fundada no poder de sentir e de se movimentar do corpo, vividos por meio de relações de interações com o meio ambiente. Pelo poder sensório-motor, o corpo experimenta um transbordamento, uma saída de si e um alargamento do mundo. O próprio corpo vai transformando um fazer mecânico em fazer livre (Iraquitam, 2012, p 42).

Pois a cognição do hábito é o próprio corpo que compreende e sem o corpo não existiria o hábito.

Portanto aos poucos a relação de aprendizagem vai se tecendo, sendo construída da experiência corporal que diante das necessidades desenvolve movimentos intencionais da consciência, assim “compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação – e o corpo é nosso ancoradouro em um mundo” (Merleau-Ponty, 2011, p 200).

O corpo não é só um lugar significativo entre todos os outros, “ele é a origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos” (Merleau-Ponty, 2011, p 202).

Portanto é o corpo que nos possibilita a forma da generalidade da nossa vida. “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo”(Merleau-Ponty, 2011, p 203), logo a experiência da motricidade do *corpo próprio* nos ensina que “não há um sujeito que sustenta o corpo, mas é o corpo

que se constitui sujeito (Iraquitã, 2012, p 42), consecutivamente o Merleau-Ponty reafirma apontando que o *corpo próprio* possibilita o desvelar do conhecimento;

Nossos movimentos antigos integram-se a uma nova entidade motora, os primeiros dados da visão a uma nova entidade sensorial, repentinamente nossos poderes naturais vão ao encontro de uma significação mais rica que até então estava apenas indicada em nosso campo perceptivo ou prático (Merleau-Ponty, 2011, p 212).

Percebe-se que a célebre obra de Merleau-Ponty, a Fenomenologia da Percepção, em toda sua totalidade consegue dar um redirecionamento plausível de como se constitui o conhecimento a partir da corporeidade.

3. EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

As vivências pedagógicas descritas nesta segunda parte do trabalho são frutos das leituras dos textos de Merleau-Ponty, que percorrem um bom período, que vai desde a graduação quando ainda estudante de filosofia até hoje na prática pedagógica. “Pois o que caracteriza o filósofo é o movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber, e um certo repouso neste movimento...” (Merleau-Ponty, 1986, p 11).

As experiências iniciam-se com a elaboração no último período da graduação, como trabalho de conclusão de curso, quando houve a oportunidade de estudar a disciplina fenomenologia, na época a tradição cartesiana encantava porque colocava a razão como o sujeito do conhecimento, no entanto ao conhecer os textos de Merleau-Ponty despertou-se o interesse de conhecer e aprofundar melhor este grande filósofo que contrariou Descartes, afirmando que o sujeito do conhecimento é o próprio corpo. Neste sentido pode-se crer que a simbiose entre ensinar e aprender a filosofia “compreende a sua própria estranheza, pois nunca está inteiramente no mundo e, no entanto, nunca está fora dele” (Merleau-Ponty, 1986, p 40).

No ensino e aprendizagem da filosofia o despertar a consciência do estudante ao verdadeiro sujeito do conhecimento requer um estímulo, já que “o comportamento é a causa primeira de todas as estimulações” (Merleau-Ponty, 2006, p 14). Imaginemos então, uma sala de aula com iluminação fosca, e em seu interior fosse montado um labirinto de paredes escuras, com vários quadros de figuras de duplo sentidos, com frases instigando suas interpretações, e objetos que se apresentassem de maneiras rápidas apenas um lado de sua totalidade. Com uma trilha sonora

instrumental, que despertasse ao visitante vários sentimentos como a alegria e a tristeza e pedissem que de cada vez entrasse um estudante e que ele percorre as ruas do labirinto se permitindo vivenciar cada corredor a procura do sujeito do conhecimento. Nesse momento, durante a jornada fenomenológica, o estudante já no último corredor do labirinto se deparasse com uma porta fechada com este enigma escrito: O olho que vê é também visto! E de repente ao abrir a porta encontrasse um corredor de espelho bem iluminado com a frase: Aqui está o sujeito do conhecimento!

Atualmente, são aplicados os conhecimentos teóricos na prática estimulando o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos no decorrer das atribuições pedagógicas. A próxima experiência descreve que foram utilizadas as compreensões textuais do corpo tátil e do corpo visual, ambas utilizadas na compreensão do *corpo próprio*.

Digamos que crianças entre sete a oito anos sejam levadas para uma sala lúdica, e ao entrarem fossem apresentados vários objetos geométricos a elas, sem permitir o manuseio dos objetos. Após a apresentação visual dos objetos, fossem permitidos a brincarem com os mesmos objetos de formas geométricas apresentadas, conseqüentemente após um determinado tempo, pedir-se para vendar os seus olhos com uma faixa preta, e colocar os objetos que instigasse a criança a partir do tátil o seu conhecimento. Perceber-se-ia que as crianças reconheceriam a partir do tátil o objeto apreendido anteriormente com os olhos abertos. Legitimando e vivenciando a ideia dos estímulos merlepotiniana que vai na oposição da teoria tradicional do funcionamento nervoso, vejamos:

Antes de toda interpretação sistemática, descrição dos fatos conhecidos mostra que o destino de uma excitação é determinado por sua relação com o conjunto do estado orgânico e com as excitações simultâneas ou precedentes, e que entre o organismo e seu meio as relações não são de causalidade linear, mas de causalidade circular (Merleau-Ponty, 2006, p 17).

Esta terceira experiência é perceptível à teoria da espacialidade do *corpo próprio*, que possibilita o desenvolvimento do conhecimento a partir de uma tarefa solicitada aos estudantes que executem de acordo com o modelo apresentado. Portanto é observado nessa vivência a motricidade coletiva e individual dos estudantes.

Agora, imaginem um grupo de crianças divididas em duplas com o objetivo de formar um mural coletivo a partir de um modelo previamente apresentado delimitando a parte que as duplas irão reproduzir, seguindo essas orientações para cada dupla: reproduzir em um só papel sem

interferir no do outro; montar previamente o painel no chão, unindo a produção de cada dupla com durex e depois todos sem exceção participe da colagem do painel na parede sem deixar que danifique o painel.

No exemplo acima as orientações foram dadas a partir do modelo que as crianças teriam que desenvolver. As crianças inconscientemente por sua vez aciona-se a motricidade, permitindo a execução dos movimentos.

Não consideramos apenas as afinidades entre as partes de nosso corpo e as conexões entre o corpo visual e o corpo tátil: nós mesmos somos aquele que cultiva unido esses braços e essas pernas, ou seja, nossos sentidos, assim aquele que ao mesmo tempo os vê e toca também é visto e tocado. Em um espaço qualquer, riscar-se no chão, duas linhas paralelas e solicita que as pessoas fiquem em cima das linhas uma em frente da outra, forneça papel e lápis e solicite que elas descrevam e desenhe a corporeidade do outro, após certo tempo em que concluíram as atividades, solicitem a troca e questione o que eles descobriram com a experiência do ver e ser visto? E quem de fato é o sujeito do conhecimento diante dos olhos?

Nas práticas percebem muito presente a utilização da motricidade, facilitando assim a compreensão do *corpo próprio* como sujeito de conhecimento em Merleau-Ponty. Este *corpo próprio* permite que cada pessoa seja de fato única, pois é na própria simbiose da estrutura corporal que se encontra o corpo sujeito do conhecimento sem ele não existirá conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram abordados os principais aspectos da noção de *corpo próprio* desenvolvida por Merleau-Ponty, tendo como base o seu texto da Fenomenologia da Percepção, foram mostradas que a motricidade do corpo assim concebido é constitutiva do processo do conhecimento e chega-se à conclusão que o sujeito do conhecimento não é centrado no sujeito pensante – “cogito” – mas sim no corpo - “corpo-sujeito”.

Foram cumpridos todos os objetivos propostos, uma vez que partiu-se da visão fenomenológica do corpo em Merleau-Ponty compreendido como *corpo próprio*, isto é um corpo que não é uma realidade pensante biológica, mas sim um centro existencial e uma maneira de estar no mundo. Em seguida foi apresentada a mobilidade do *corpo próprio* que leva ao conhecimento, a partir de um exemplo de Merleau-Ponty.

Na segunda parte do presente trabalho, foi mostrado a partir das leituras merleauPontyanas

algumas vivências em sala de aula com alunos como experiências das teorias expostas neste artigo.

Este trabalho foi muito importante para o aprofundamento deste tema, permitindo aperfeiçoar competências e habilidades de investigação sobre Conhecimento e Motricidade em Merleau-Ponty.

REFERÊNCIAS

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de Moura. **Fenomenologia da Percepção**. Maurice Merleau-Ponty. 4ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

AGUIAR, Márcia Valéria Martinez de Aguiar. **A Estrutura do Comportamento**. Maurice Merleau-Ponty. 2ª. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2006.

TEIXEIRA, António Braz. **Elogio da Filosofia**. Maurice Merleau-Ponty. 3ª. ed. - Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

CAMINHA, Iraquiton de Oliveira. **Merleau-Ponty em João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária, 2012.